

Família Dehoniana

#11^{março} 2017

Newsletter de informação e de contato da Família Dehoniana em Portugal

a abertura



Caros Irmãos e Irmãs

A 14 de Março, a nossa Família Dehoniana alegra-se com o 174º aniversário do nascimento do nosso pai carismático, o Padre Leão Dehon. A efeméride tem sido ensejo para recordar o Fundador, mas também para rezar pelas vocações dehonianas. É o que, também este ano, queremos fazer.

Evocamos o Padre Dehon com dois pequenos textos, um deles elaborado pelo P. David Quintal, SCJ, que, desde alguns anos a esta parte vai partilhando, no Facebook, deliciosas notas sobre o Fundador e sobre diversos temas dehonianos. Acrescentamos uma breve oração pelas vocações dehonianas.

Continuamos a publicar textos do próprio Padre Dehon, que são, com certeza, o melhor modo de o conhecer. Estando nós a viver o tempo da Quaresma e, em breve, o da Páscoa, publicamos uma bela meditação sobre “A Paixão, obra-prima do amor do Coração de Jesus”.

Apresentamos também excertos da primeira da Conferências Romanas, recolhidas no livro “A renovação social cristã”.



14 de março de 1843 - Nascimento do Padre Leão Dehon

Prosseguimos a apresentar as memórias e impressões do Fundador, quando da sua visita a Portugal, na Primavera de 1900.

Finalmente publicamos uma carta da Presidente da Companhia Missionária do Coração de Jesus, depois de uma visita a Moçambique. A CM celebra o 50º aniversário da sua chegada a Portugal. Celebra também o 50º aniversário da sua chegada a Moçambique onde tem desenvolvido uma notável ação evangelizadora e social.

Desejamos a todos uma Quaresma frutuosa e uma Páscoa cheia da alegria do Senhor Ressuscitado.

P. Fernando Fonseca, scj

● 174.º Aniversário do Nascimento do Fundador

A 14 de Março, celebramos o 174º aniversário do nascimento do Padre Leão Dehon. Como todos os anos, esta celebração ocorre em tempo de Quaresma, caminho de preparação para a Páscoa, para o Mistério da Cruz e da Ressurreição.

A vida do Fundador foi profundamente marcada pela cruz que ele aceitou e ofereceu em espírito de amor e de reparação, isto é, para glória e alegria de Deus. Ao mesmo tempo, aceitou-a e ofereceu-a para cooperar na construção do Reino do Coração de Jesus “nas almas e na sociedade”, ou seja, em vista do homem de coração novo, numa sociedade caracterizada pela justiça e pela caridade.

A cruz entrelaça-se constante e intimamente com a vida do Pe. Dehon. A 28 de Junho de 1878, ao fazer os seus primeiros votos religiosos, o Fundador acrescentou o voto de vítima pelo qual se colocava voluntariamente, e por amor, sobre o altar com Jesus. Este voto de vítima, ou de oblação, assume um lugar central na espiritualidade dehoniana. Sobre esse evento,



escreve o Fundador: *“Entreguei-me sem reservas ao Sagrado Coração de Jesus e na minha intenção os votos já eram perpétuos. A minha emoção foi muito profunda. Sentia que tomava a cruz aos ombros, entregando-me a Nosso Senhor como reparador e como fundador de um novo Instituto”*. Encontramo-nos no coração da espiritualidade reparadora, tal como era entendida por Leão Dehon e pelos seus primeiros discípulos. É esclarecedor, a este propósito, o que escreve ao Pe. Afonso Rasset: *“Creio que, consagrando-se ao Sagrado Coração de Jesus, se obtêm sobretudo esplêndidos insucessos, humilhações, derrotas e catástrofes, à mistura com sucessos incríveis que provocam o maior espanto, quando se considera a pobreza dos instrumentos...”*.

Apesar desta perspetiva, o Fundador nunca aderiu ao rigorismo penitencial que caracterizava a espiritualidade da Madre Verónica, fundadora das Vítimas do Coração de Jesus, seguida muito de perto pelo P. André Prévot. Escreve Dehon: *“Eu prefiro deixar na mão do Senhor o cabo do chicote. Insisto menos nas mortificações pessoais, ainda que as considere necessárias, mas recomendo mais o abandono paciente às provações que o Senhor enviará. Nosso Senhor não Se crucificou, mas deixou-Se crucificar”*.

Nas suas Memórias e no seu Diário, o Pe. Dehon refere-se várias vezes às dolorosas provações que sofreu durante a sua vida. Recebeu-as com abandono em Deus e viu-as como confirmação do seu voto de vítima, ou de oblação, a que se manteve fiel até ao fim dos seus dias neste mundo. Com essa atitude de confiança na fidelidade de Deus, aceitou a perda dos seus bens materiais, viu a destruição das suas obras, recebeu a supressão temporária do Instituto e as calúnias mais lesivas da sua honra. Mesmo na incompreensão e agressão moral por parte de alguns dos seus filhos espirituais manteve-se sereno e confiante. A sua vida foi uma espécie de agonia progressiva até à morte moral a que chamou o seu *“consummatum est”*. O *“Ecce venio”* do Verbo ao entrar no mundo, e o *“Ecce Ancilla”*, no dia da Encarnação, que a memória do seu batismo lhe recordava, tornaram-se os motes da sua vida, que, de modo idêntico, só podia terminar no *“consummatum est”*, em união com o Senhor Crucificado.

P. Fernando Fonseca, SCJ

● O Padre Dehon na ocasião do seu 70.º aniversário

O Padre David Vieira, SCJ, tem escrito diversas notas sobre o Padre Dehon, que publica no facebook. Transcrevemos uma dessas notas publicadas há 14 anos, quando se completavam 100 anos sobre a data em que o Fundador celebrou o seu 70º aniversário natalício.

No dia em que celebra os 170 anos do nascimento do Pe. Dehon, fundador dos Sacerdotes do Coração de Jesus, partilhamos a página do seu diário de há precisamente 100 anos atrás.

“O Santo Padre enviou-me as felicitações e a sua bênção pelo meu 70º aniversário. É muita honra para um pequeno nada, e menos que nada, como eu. Tudo isso prepara o fim, que não está longe.

Transcrevo a carta da Secretaria de Estado:

“Reverendíssimo Superior Geral, foi com agrado que Sua Santidade soube que os membros da Congregação por si fundada em 1877 propõem-se celebrar o 70º aniversário do seu nascimento, e de lhe dar nesta ocasião uma prova da sua afeição e do seu apego.

O Soberano Pontífice, que não esquece o seu zelo, a sua dedicação e as obras que estabeleceu, une-se de boa vontade à alegria da sua família religiosa, e implora para si, para o seu Instituto e para as suas obras a abundância das graças celestes. Ele envia-lhe de todo o coração as felicitações e os seus votos de uma especial Bênção Apostólica, extensiva aos membros da Congregação.

Queira ajuntar, Reverendíssimo Superior Geral, as minhas felicitações e os meus votos pessoais, a garantia dos meus sentimentos dedicados em Nosso Senhor.” R.Card. Merry del Val.

Na Congregação, reza-se hoje por mim, é o que há de melhor. Os Conselheiros enviaram a todas as casas uma circular convidando a fazer deste dia 14 uma jornada de oração e de ação de graças. Os padres foram convidados a celebrar a santa missa pelas minhas intenções e os outros confrades a oferecer uma sagrada comunhão. *Deo gratias!* Eu preciso tanto da misericórdia do Coração de Jesus!”

(Leão Dehon, NQT, 14 de março de 1913, na Cidade de Roma)

P. David Vieira, SCJ



Oração pelas vocações dehonianas

Senhor Jesus Cristo,
que nos chamaste a servir a Igreja
vivendo o carisma e a missão que,
por meio do Pe. Dehon,
e de todos quantos
nos precederam nesta Família,
nos quiseste confiar.
Dá-nos o Espírito
que brota do teu Coração
para que façamos da união contigo,
no amor ao Pai e aos homens,
o princípio e o centro
do que somos e vivemos.
Que o testemunho da nossa vida,
a nossa alegria espiritual
e a vontade inquebrantável
de servir ao Pai e aos irmãos
atraiam outros membros
à nossa Família,
jovens e adultos,
particularmente os que chamas
à vida consagrada
o nosso carisma
frutifique abundantemente
segundo as exigências
da Igreja e do mundo.
Ámen.

Conhecer o Padre Dehon

Através dos Escritos Espirituais

O Padre Dehon recebeu a graça de uma particular sensibilidade ao amor de Deus manifestado em Jesus Cristo. Ao mesmo tempo recebeu, contemplando a Cristo de Lado aberto e Coração trespassado, o Fundador chegou à conclusão de que a Paixão, mais do que consequência da maldade dos Judeus e do nosso pecado, é obra do amor de Deus, é “a obra-prima do amor do Coração de Jesus”.

E, continua o Fundador, “a graça dos amigos do Coração de Jesus consiste em saber sempre descobrir o amor de Nosso Senhor sob a exterioridade dos seus mistérios”. O Crucificado, tal como o livro do Apocalipse, está escrito por fora e por dentro. Fora, a caracteres de sangue, estão escritos os chicotes, os espinhos, os cravos. Se penetrarmos até ao Coração, “veremos uma maravilha bem maior: o amor inesgotável e jamais esgotado.

A contemplação do amor de Cristo leva-nos a corresponder-lhe, à maneira do Padre Dehon, oferecendo como “vítimas de amor”, isto é, como oblação, “sobre o altar do Sagrado Coração”. É espontâneo lembrarmos Paulo: “*exorto-vos, irmãos, a que ofereçais os vossos corpos como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus.*” (Rom 12, 1).

Eis o texto do Padre Dehon:

A Paixão, obra-prima do amor do Coração de Jesus

“A paixão é a obra-prima do amor do Sagrado Coração. Era dela que o profeta Habacuc dizia: “*Senhor, ouvi falar da vossa obra, da vossa obra por excelência e fiquei tomado de espanto*” (Hab 3). Santo Agostinho dá este sentido moral ao texto do profeta. S. Paulo não cessa de estar num êxtase de amor ao contemplar este admirável mistério: “Jesus Cristo mostrou-nos tanto mais amor, diz, quanto deu a sua vida por nós pecadores e ímpios” (Rom 5). E S. João, o apóstolo bem-amado, exclama: “Jesus Cristo amou-me e lavou-me com o seu sangue” (Ap 1, 5).

Devemos, portanto, tentar, nós também, penetrar nas profundezas deste abismo de caridade e excitar-nos ao amor do Sagrado Coração, vendo quanto Ele nos amou.

A paixão do Salvador é a obra do seu amor

Jesus Cristo é realmente, nos mistérios da Paixão, o livro escrito por fora e por dentro, e quais são as letras que vemos traçadas neste livro? Apenas estas: Amor. Os chicotes, os espinhos, os cravos escreveram-nas em caracteres de sangue sobre a

sua carne divina; mas não nos contentemos em ler e em admirar exteriormente esta escritura divina; penetremos até ao Coração, e veremos uma maravilha bem maior: é o amor inesgotável e jamais esgotado que não tem em conta o que sofre e que se dá sem se cansar.

É a graça dos amigos do Sagrado Coração saber sempre descobrir o amor de Nosso Senhor sob a exterioridade dos seus mistérios. Mas onde podemos nós ver mais do que na Paixão? Se não o vemos aí, ou se não o vemos senão superficialmente, convençamo-nos de que havemos de retirar pouco proveito destes grandes mistérios dos sofrimentos de Jesus Cristo e que prestaremos pouca glória a Deus. Para retirar todo o fruto possível desta divina contemplação, estabeleçamos primeiro alguns princípios, depois falaremos dos sentimentos especiais que ela deve excitar em nós.

O primeiro princípio é este: a paixão do Salvador tira todo o seu mérito e todo o seu preço diante do seu Pai não tanto dos seus sofrimentos exteriores nem mesmo da sua morte, mas do seu Coração, do seu amor que o fez dar-se assim todo a nós.

O segundo princípio, é que Nosso Senhor quis suportar estes sofrimentos extraordinários a fim de melhor nos mostrar o seu amor e de nada poupar para ganhar o nosso. Este amor teria podido ser igualmente grande, se Ele nos tivesse resgatado por um mínimo sofrimento, mas que ação teria exercido sobre nós? Ter-nos-ia deixado insensíveis, e o Sagrado Coração queria a toda a força ganhar os nossos corações.

O terceiro princípio é que o Sagrado Coração tendo-se empenhado por amor, pelo seu *Ecce venio*, a tudo sofrer por nós, os seus sofrimentos e a sua morte foram outros tantos atos de amor que operavam a nossa Redenção; e o Coração de Jesus era a fonte donde brotavam todos os seus méritos com os seus sofrimentos. Tal era a vontade divina à qual o Sagrado Coração livremente se submeteu.

Estudemos a paixão no Coração de Jesus

Destes princípios derivam para nós algumas conclusões práticas. A primeira é que devemos esforçar-nos por nos unirmos ao Sagrado Coração sofredor, por meio da mais terna compaixão e do mais ardente amor. Se não o fizermos, a nossa meditação será muito superficial e não retiraremos



muitos frutos deste exercício salutar, porque não teremos compreendido o que há de mais íntimo na Paixão.

A segunda, é que, tendo-nos o Coração de Jesus mostrado o seu amor através de tantos sofrimentos, devemos também nós estar prontos para sofrer, para lhe mostrarmos o nosso amor, as provas que a Providência nos enviar. Se nós amarmos muito a Jesus, consideraremos como nada os sofrimentos que será necessário suportar por Ele. Não há, em última análise, nem grandes nem pequenas cruces, só há um pequeno e um grande amor: o que é um fardo esmagador para uma fraca criança não passa de um jogo para um homem robusto. De resto, se nós amarmos muito, o Sagrado Coração virá a nós com a sua graça, e Ele sofrerá em nós, comunicando-nos a sua força e a sua alegria. Bebamos o amor a longos tragos e ser-nos-á fácil subir a montanha do calvário; bebamos o amor, e as cruces de madeira ou de ferro tornar-se-ão como se fossem de palha. Unamo-nos ao amor e havemos de renovar os prodígios de S. Lourenço e de Santo Estêvão, que se alegravam no sofrimento.

Quem não aceitaria de boa vontade uma cruz que Nosso Senhor mesmo lhe proponha?

Mesmo amando e praticando as mortificações mais comuns, não procuraremos por nós mesmos as mortificações excepcionais. Aceitaremos aquelas que o divino Mestre nos enviar. Aqui está o carácter da devoção de abandono e de confiança no Coração de Jesus. Cabe ao Sagrado Coração escolher o que Ele quer para nós; cabe a Ele determinar o modo, o tempo e a duração da imolação. O que vai escolher Ele? Ele ama demasiado a cruz para no-la recusar inteiramente; Ele no-la vai dar, mas como? Aqui está o seu segredo. A maior parte das almas que tendem à perfeição deve preparar-se para penas corporais e espirituais, provas, dilacerações de coração. O Sagrado Coração permite as penas com um fim de reparação; às vezes também como purificação, se nos atrasamos na via do amor. Mas vede a generosidade com que todos os discípulos do Sagrado Coração aceitam as suas penas! Eles sorriem sob a mão que lhes bate; donde vem isto? Precisamente do seu ato de abandono. Aqueles que se imolam a si mesmos em vez de se deixarem imolar estão permanentemente desconcertados, se a Providência vem de repente mudar a madeira que eles mesmos tinham escolhido. Eu

quero sofrer de boamente penas espirituais, mas a doença mete-me medo. Sem dúvida que eu consinto na doença, mas suportar os desprezos e as contradições, nem sequer posso ouvir falar disso. Isto prova que eu não gosto bastante do Sagrado Coração e que gosto muito mais de mim mesmo.

Amemos o Sagrado Coração. É para Ele que o nosso coração deve elevar-se primeiro, é nele que deve perder-se, e, quando a prova vier, quando o desprezo chegar, abraçá-lo-emos com ardor, porque nele veremos manifestar-se o Sagrado Coração. E o mesmo se diga da doença ou dos outros sofrimentos. Era assim que faziam os santos. Eles aceitavam com alegria as cruzes da Providência, porque viam detrás delas o Sagrado Coração de Jesus, o qual lhes pedia que as levassem por seu amor.

Resolução. - Ó meu bom Mestre, tocado pela vossa infinita bondade, vendo o quanto quisestes sofrer por mim, aceitarei tudo o que vos aprouver enviar-me. Eu sei que vós sois a prudência e a própria doçura. Como poderia recusar-me a agradar-vos? Não temo que me imponhais pesadas cargas. - Disponde de mim: ofereço-me como vítima de amor sobre o altar do vosso Sagrado Coração.” (CAM II/11-17).



Através das Obras Sociais

O Padre Dehon pronunciou a sua primeira conferência romana a 14 de Janeiro de 1897. O Fundador faz uma espécie de balanço da sociedade do seu tempo. Não nos é possível transcrever toda a conferência. Damos apenas alguns pequenos excertos. Por eles, verificamos a impressionante atualidade de alguns dos assuntos tocados, tal como os problemas do Médio Oriente, com o massacre de cristãos, ou a situação do Ocidente, com o desmando dos espíritos, a irreligião e a indiferença, que geram o ceticismo, a nostalgia, o desencanto, o descontrole moral, com a perda dos valores, o pessimismo, o desânimo. Ficamos com a sensação que tudo está a desabar, que muitos já tinham em finais do século XIX.

Não deixam também de ter atualidade as palavras de Leão Dehon sobre as relações económicas e sociais, demasiadas vezes caracterizadas pelo egoísmo, pelo capitalismo cego ou pelo liberalismo sem freio. A gente humilde, os operários não compreendem nada disso. Mas sofrem-lhe os resultados desastrosos.

A análise que o Fundador faz sobre o mundo político também continua atual. É rara a preocupação pelo bem comum. Os governantes e representantes do povo andam mais preocupados em defender os interesses privados. O nosso mundo continua doente de instabilidade, de esterilidade; está paralisado pelo deficit público e pelo peso excessivo da dívida.

Esta constatação aflitiva estende-se às relações internacionais: o mesmo conflito de interesses, a vergonhosa apatia perante causas justas para as quais se deveria tomar partido. Leão Dehon refere-se aos massacres na Arménia e em Creta. Os massacres na Arménia, a que se refere o Fundador ocorrem em 1894-1895. Infelizmente repetiram-se em 1915, em 1922, e em 1945...

O comércio internacional, em plena expansão graças ao progresso dos transportes, tem demasiadamente em mira o interesse privado, abusando dos salários praticados nos países do Extremo Oriente, e em detrimento do trabalho e da sua remuneração no Ocidente. O Padre Dehon denuncia também as utopias socialistas que, no seu tempo, eram utopias comunistas.

Todavia, o Padre Dehon não seria o homem de fé e de ação que conhecemos se ficasse apenas por um balanço negativo. Ao terminar a sua conferência lança propostas de ação para melhor a situação.

Eis os textos do Padre Dehon:

A crise social e económica atual em França e na Europa

“O mal-estar político é inquietante. Devemos considerá-lo quer nas relações internacionais, quer na vida social. O direito das nações é esquecido, substituído pela intriga e pela violência. A política exterior não só é ateia, isto é, dominada pelas

paixões e pelos ciúmes, mas, na maior parte dos Estados, é nitidamente antirreligiosa e sectária. Nenhum princípio superior e comum de justiça continua a presidir à política estrangeira das grandes potências. Elas não tomam conselho que

não seja de seus próprios apetites, e se uma paz mais ou menos precária se mantém no meio destas competições, é simplesmente porque resulta do equilíbrio e da mútua neutralização das cobiças. Tal é atualmente o móbil do direito internacional. Ninguém ousaria, de boa-fé, contestá-lo; mas esta realidade, pela sua própria evidência, dá a justa noção e a medida exata de um *progresso* de que estamos sinceramente orgulhosos demais.

Á vista dos massacres da Arménia tolerados pela Europa, o cardeal Manning teve razão em afirmar: «O abandono das causas justas é a característica da política contemporânea». Gladstone disse com verdade: «O fardo da vergonha, na questão arménia, recai sobre as seis grandes potências!». Não aconteceu igual para os massacres de Creta? Não fomos cristãos a valer, é certo, na primeira metade deste século, todavia quando a voz dos oprimidos chegava ao Ocidente, encontrava sempre eco. Começava-se por falar individualmente e, hoje na Grécia e amanhã no Líbano, a política era obrigada a seguir o movimento. Desde há dois anos o sangue cristão corre em torrentes na Arménia, e a Europa dorme em paz. Os soberanos esperam a hora propícia para terem parte no despojo.

A política interna não é mais racional nem mais cristã. Esqueceu-se o fim do próprio Estado: *o bem comum*. A ambição, a especulação e a concussão dominam claramente toda a vida política. Daí, uma instabilidade absurda. As combinações empreendidas na caça às funções de ministro fazem cair três ministérios cada ano. Daí também uma esterilidade desoladora: as leis práticas cedem o passo às querelas dos políticos. Os parlamentos sucedem-se, e produzem muito pouco de útil.

Os representantes da nação vendem os seus votos e aproveitam da sua passagem aos negócios para fazerem fortuna... Encontra-se meio para encobrir tudo isso, a seguir, por meio de artifícios nos processos ou destruindo os *dossiers*. A dívida é enorme, o déficit é de regra, não se faz amortização...

A *família*, que é a base da sociedade, está desagregada pela lei. Temos o *divórcio*. Ele reina quase por toda a parte da Europa... A *diminuição da natalidade* é assustadora em França. E é, aliás, universal na Europa desde há vinte anos... Os *filhos ilegítimos* são cada vez mais numerosos... As *crianças abandonadas* são numerosas por todo

o lado... Tal é a família que nos deu o ensaio da sociedade sem Deus.

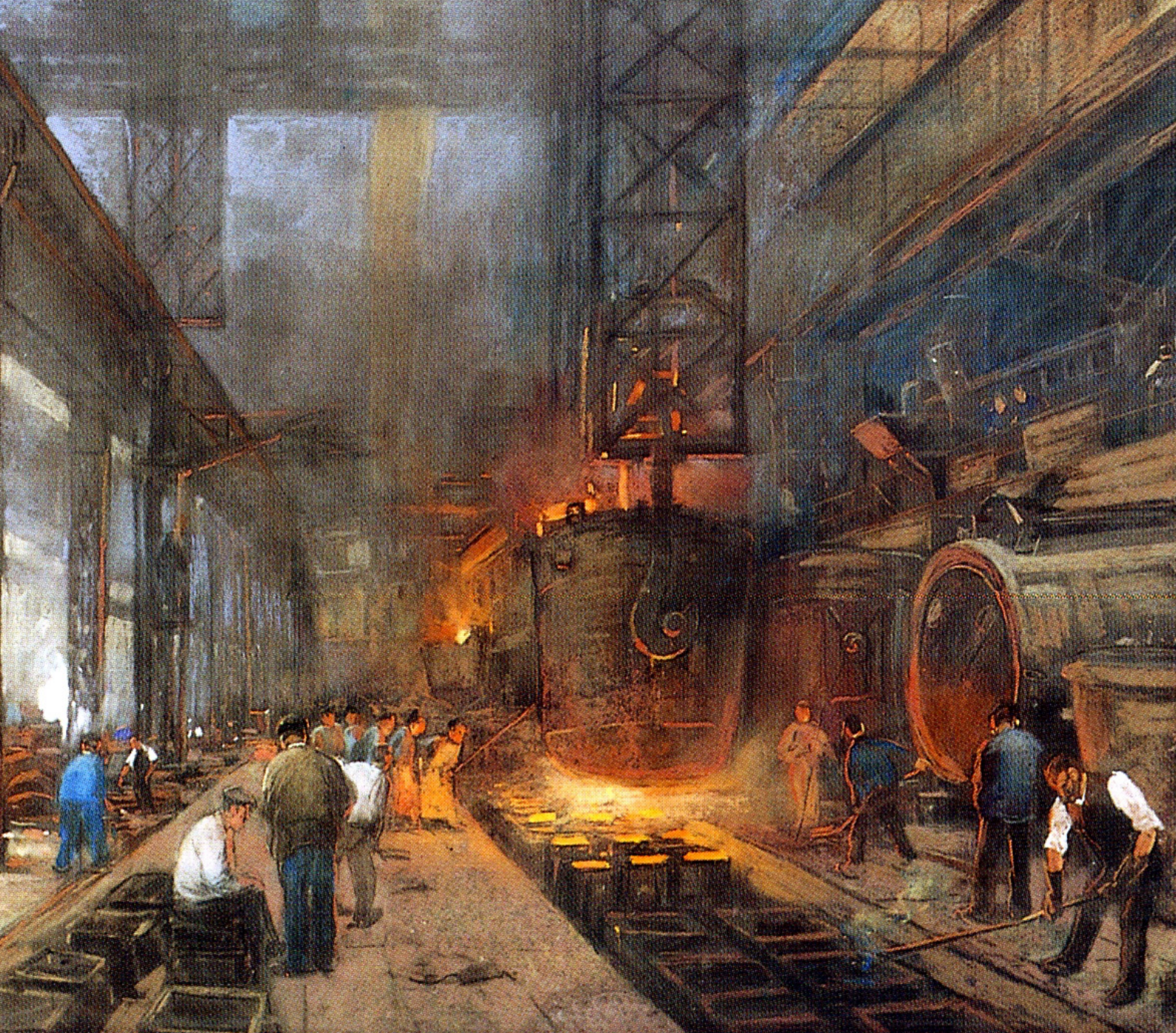
A *criminalidade* está sempre a crescer... A *criminalidade infantil* cresce com uma rapidez espantosa...O número de *suicidas* quadruplicou desde 1830... Os *suicídios de menores* subiram de 140 a 460 em dez anos. A *vadiagem* viu os seus clientes subir... O *alcoolismo* também é um flagelo do nosso tempo...

Passemos agora às *relações sociais*. Desde que se meteu Deus de lado, o egoísmo e a cobiça reinam em seu lugar. Possuir e gozar tornaram-se o fim da vida. O dever é esquecido. A paciência já não é mais inspirada pela fé. Não condenamos a riqueza justamente adquirida. Ela é um direito absoluto. Quereríamos, pelo contrário, que fosse espalhada mais universalmente.

Mas consideramos como malefícios sociais análogos, que põem a nação em perigo, a especulação, a falsa economia social e os tráficos

«Mãos à obra,
por conseguinte!...

Quando um navio está em
perigo à vista do porto,
quem presencia a situação,
se for tímido e fraco, reza,
chora, lamenta-se; quer
for valente, porém, sem se
vangloriar pelo fato, acorre
ao mar, para tentar salvar...
Corramos em socorro
da sociedade em perigo
por meio das obras, das
reivindicações legais. Mas
não nos esqueçamos que o
piloto salvador é Pedro...»



imorais nas fileiras da alta sociedade, e do mesmo modo a revolta anarquista e as utopias socialistas nos postos inferiores...

A falsa economia social: é o que se continua a chamar “economia liberal”. Consiste em fazer da riqueza o fim do homem, e da vida, uma luta sem piedade. Ela toma o trabalhador como um instrumento de produção; e estima o seu salário pelos cursos do dia, segundo a lei da oferta e da procura. É uma doutrina que degrada o homem e que faz da sociedade uma arena, na qual o forte esmaga o pequeno...*Os tráficos imorais:* é pena! Tudo foi posto em leilão nestes últimos anos, as decorações, os votos na Câmara, as proteções administrativas. Cada dia se descobrem novos escândalos nos grandes negócios e na vida pública...

«Mãos à obra, por conseguinte!... Quando um navio está em perigo à vista do porto, quem presencia a situação, se for tímido e fraco, reza, chora, lamenta-se; quer for valente, porém, sem se vangloriar pelo fato, acorre ao mar, para tentar salvar...

Corramos em socorro da sociedade em perigo por meio das obras, das reivindicações legais. Mas não nos esqueçamos que o piloto salvador é Pedro...». No prosseguimento do sucessor de Pedro e segundo a Palavra de Jesus: «Pedro hoje nos conduz para o alto mar da democracia cristã. Deixemo-nos conduzir, lancemos a rede e faremos uma pesca abundante. “Avançai para águas profundas e lançai as redes para que apanheis peixe” (Lc 5,4)». (RSO/27-71).

Através dos escritos de viagens

O Padre Dehon em Portugal

Leão Dehon visitou Lisboa nos dias 27 a 29 de Março de 1900. Depois de termos oferecido aos nossos leitores as suas recordações e impressões gerais sobre a cidade, apresentamos, hoje, as notas escritas sobre o Mosteiro dos Jerónimos.

O Padre Dehon é um homem culto que sabe olhar as obras de arte e deixar-se tocar pela sua beleza. Mas a sua sensibilidade também lhe permite dar-se conta dos atentados contra essa mesma beleza, bem como da incúria que leva à sua degradação.

Belém

Belém é meta de uma das mais belas excursões em Lisboa. Belém é Bethléem.

Lá encontramos o esplêndido mosteiro dos *Jerónimos*, a pérola dos edifícios de Lisboa e de Portugal. Foi construído no século XVI e é o mais belo exemplar do estilo próprio de Portugal, o estilo *manuelino*. O estilo surgiu no reinado de D. Manuel I (1495-1521). Tem por base o estilo ogival florido, mas mistura-lhe as pilastras ornadas

ao estilo plateresco, floreados de estilo árabe e alguns ornamentos indianos. Os inventores, Boitaca e João de Castilho, merecem que os seus nomes sejam lembrados.

É um estilo composto, como aqueles que ensaiámos no nosso tempo no palácio de justiça de Bruxelas e na igreja de Fourvière. Gosto mais do estilo manuelino, embora no interior Fourvière seja verdadeiramente bela.





O conjunto do mosteiro de Belém compreende a igreja de Santa Maria, o claustro e a longa galeria dos dormitórios.

A igreja de Santa Maria está construída como o claustro, com uma pedra calcária que, sob o céu meridional, adquire um belo tom dourado. Ela tem uma riquíssima decoração exterior. O pórtico do sul, com duas entradas, está ornado com estátuas e flora; é obra de um francês, o mestre Nicolau, e de João de Castilho. O pórtico oeste é menor, mas não menos ornado.

O interior tem três naves, formadas por seis colunas octogonais, finas e leves. À entrada do coro há duas cadeiras ricamente esculpidas.

A *Capela-mor* contém os túmulos da rainha Maria e de Manuel, o Grande, à esquerda, e o de João III e Catarina de Áustria, à direita; fantasia estranha, estes dois túmulos são sustentados por elefantes! A capela do transepto sul tem os túmulos de Vasco da Gama e de Camões. Os seus restos mortais foram aí depositados em 1880.

O coro é a modo de tribuna, aquilo a que os Espanhóis e os Portugueses chamam *Coro alto*. Acedemos a ele pelo claustro superior. Tem belos cadeirais à maneira da Renascença.

O *claustro* é maravilhoso pela riqueza e elegância. É a obra-prima de João de Castilho. É formado por

galerias sobrepostas. As pequenas colunas unem-se umas às outras como laços

O claustro dá acesso ao grande refeitório, à sala capitular e à sacristia. O refeitório tem lambrins de azulejos cerâmicos à maneira do século XVIII; a sacristia tem arcos elegantes sustentados por um pilar central; na sala capitular, foi colocado recentemente, em 1888, um túmulo enorme e absolutamente desproporcionado para o poeta moderno Alexandre Herculano. É bom honrar os poetas, mas, mais ainda, é preciso que um túmulo não encha toda uma sala.

A galeria dos dormitórios tem uma bela fachada sobre o cais. Tem algumas arcadas caídas e Portugal honrar-se-á em restaurá-las.

A abadia real é um orfanato, e tem um professor leigo que nos fez as honras da casa.

Portugal progrediu no anticlericalismo. Teve como ministro o grande (?) Pombal, e o *pombalismo* ainda aí reina. Todas as grandes abadias, que se contam entre as mais belas da Europa, estão desertas e sem vida. Celebrei a missa diariamente na casa dos Dominicanos irlandeses, na igreja do Corpo Santo, e eles diziam que a existência de casas religiosas é muito precária em Portugal; vimos, depois, como rapidamente foram esvaziadas. (ADP 487-490).

• COMPANHIA MISSIONÁRIA DO CORAÇÃO DE JESUS

No Ano Jubileu da chegada da Companhia Missionária a Portugal, publicamos uma carta da Martina, Presidente da CM, sobre uma visita a Moçambique, intitulada “Comunhão e Missão”. É bom vermos esta componente da Família Dehoniana ativa na Missão.

Comunhão e missão

Caríssimas/os

Retomo a comunicação convosco neste ano 2017, depois da oportunidade de permanecer por dois meses em Moçambique, tempo que vivi como dom e desafio. É uma realidade que nos interpela pela vitalidade CM mas também pela fragilidade de algumas que, não obstante a idade e a saúde, continuam a oferecer um serviço generoso ao povo e à formação das jovens: *“Até na velhice continuarão a dar frutos e hão de manter sempre a seiva e o frescor, para proclamar que o SENHOR é justo...”* (Sl 91, 15-16). Trata-se de uma realidade que não diz respeito apenas a Moçambique, mas que toca muito de perto a muitas de nós chamadas a continuar, com alegria e esperança, o próprio serviço, na provação e na fragilidade, onde o Senhor nos chamou para servir o Seu Reino.

A comunhão e a missão, duas realidades que se entrelaçam, estiveram no centro da nossa reflexão e da nossa formação permanente em Moçambique. Retomo em mão as reflexões do P. Albino sobre o Estatuto nos anos 70, que permanecem muito atuais para cada uma de nós e que, por isso, proponho à vossa reflexão: *“Recordemos a nossa vocação missionária. Ela comporta uma particular investidura da missão profética de Cristo. Mas Ele não confiou a credibilidade da verdade e do amor do Pai à eficácia da nossa palavra ou à*

capacidade da nossa organização. Confiou-a só e integralmente à nossa disponibilidade de “fazer comunhão”, “... para que todos sejam um só, para que sejam um como Nós somos um... para que o mundo reconheça que Tu Me enviaste e os amaste, como Me amaste a Mim”. Agrada-me propor estes temas a todos os membros da CM porque são essenciais para nós hoje e para o nosso testemunho evangélico.

“Recordemos a nossa vocação missionária. Ela comporta uma particular investidura da missão profética de Cristo. Mas Ele não confiou a credibilidade da verdade e do amor do Pai à eficácia da nossa palavra ou à capacidade da nossa organização”.



Cito também o discurso do Papa Francisco aos consagrados (28.1.2017): *“Se a vida consagrada quiser manter a sua missão profética e o seu fascínio, continuando a ser escola de fidelidade para os próximos e para os distantes (cf. Ef 2, 17), deve manter o vigor e a novidade da centralidade de Jesus, o fascínio da espiritualidade e a força da missão, mostrar a beleza do seguimento de Cristo e irradiar esperança e alegria. Esperança e alegria. Isto mostra-nos o andamento de uma comunidade, o que há dentro. Há esperança, há alegria? Um aspeto que deverá ser cuidado de maneira particular é a vida fraterna em comunidade. Ela deve ser alimentada com a oração comunitária, a leitura orante da Palavra, a participação ativa nos sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação, o diálogo fraterno e a comunicação sincera entre os seus membros, a correção fraterna, a misericórdia em relação ao irmão ou à irmã que peca, a partilha das responsabilidades. Tudo isto, acompanhado por um eloquente e jubiloso testemunho de vida simples ao lado dos pobres e de uma missão que privilegie as periferias existenciais. Da renovação da vida fraterna em comunidade dependem muito o resultado da pastoral vocacional, o poder dizer «vinde ver» (cf. Jo 1, 39) e a perseverança dos irmãos e das irmãs jovens e menos jovens”.*

Aproxima-se um novo tempo litúrgico, a Quaresma e a Páscoa do Senhor. Tempo para viver com olhar de fé, época em que se cruzam dias cansativos com momentos mais alegres em que continuamos a semear na nossa vida, em cada dia, tantos gestos de acolhimento, de atenção de umas para com as outras, de verificação das escolhas que fazemos: são escolhas de vida, de ressurreição? A luta interior que cada uma de nós vive pede-nos para discernir, em cada momento, se acolhemos a voz do Espírito que nos guia à verdade total, à vida, ou se estamos paradas diante dos obstáculos que nos pareciam ou nos parecem insuperáveis. A graça de Deus, a sua contínua benevolência e misericórdia pedem-nos para nos renovarmos e percorrermos caminhos de vida nova, seja pessoalmente, seja como família CM. A Palavra de Deus, em cada dia, nos ajude a escolher sempre o bem e a vida. São os votos que faço a cada um/a de vós e a mim própria, para que o Senhor nos conceda o dom de andar nos seus caminhos e de cumprir a sua vontade.

Em comunhão,

Martina